



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ERASMO DANTAS DA SILVA FERNANDES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS POR PROFESSORES DO SEXO MASCULINO
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FORTALEZA

2019

ERASMO DANTAS DA SILVA FERNANDES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS POR PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia e obtenção do título de Licenciado em Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F399 Fernandes, Erasmo Dantas da Silva.
A Contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil / Erasmo Dantas da Silva Fernandes. – 2019.
52 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb.
1. Contação de Histórias. 2. Professores do sexo masculino. 3. Educação Infantil. 4. Pré-Escola. I. Título.
CDD 370
-

ERASMO DANTAS DA SILVA FERNANDES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS POR PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia e obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Messias Holanda Dieb.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Messias Holanda Dieb (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ingrid Louback

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida

Universidade Federal do Ceará (UFC)

*Dedico este trabalho a todos os profissionais da
Educação, que mudam pessoas para que elas transformem
o mundo.*

AGRADECIMENTOS

Ter gratidão é essencial. Faz parte de nossas vidas e, de certa forma, nos molda muito. Graças a Deus, eu tenho muitas pessoas para agradecer, porque me ajudaram e me fizeram ser a pessoa que sou hoje. Não tenho palavras para definir o sentimento que tenho por cada uma dessas pessoas, todas têm um papel fundamental na construção do ser humano que sou hoje: mais tolerável, mais humilde, mais paciente, mais criativo e muito mais feliz. São tantas pessoas pra citar que poderia criar um livro só de nomes. Mas, existem algumas que eu jamais poderia deixar de citar e de registrar a minha imensa gratidão.

Quero começar pelo grande amigo Ramon Belarmino, dizendo que sem o seu incentivo eu jamais teria iniciado o curso e, por isso, sou eternamente grato.

Da minha família biológica, agradeço a minha irmã Otaciana por sempre me entender e me apoiar nas minhas decisões. Da família do coração, eu agradeço a minha mãe Raquel e ao meu irmão Gean, sempre ao meu lado, me motivando e demonstrando o orgulho que sentem por mim. Além deles, minha irmã Laura, que ocupou esse parentesco em meu coração e sempre esteve ao meu lado. E é nesse processo de adoção que eu compreendo o verdadeiro sentido de família, que é onde existe amor.

Na minha vida escolar, eu tive professores motivadores e, sim, eles reaparecem no profissional que sou hoje. No ensino fundamental, eu agradeço à Professora Ângela, que sempre disse que eu era capaz. Ao Professor Edvar, que sempre explorou minhas habilidades teatrais. Agradeço imensamente ao Diretor, Luiz Bernardino, amigo querido, pelo qual tenho gigantesca admiração. Ao Professor Tibúrcio, que fez sua passagem, mas deixou o sorriso mais motivador de todos em nossas lembranças. Tive a honra de viver a experiência na educação infantil, antes mesmo de entrar na Pedagogia, lá na escola Luis Carlos Prestes, em Maracanaú-CE. Lá, eu fui fisgado pelo compromisso e dedicação das professoras e da gestão. Elas me mostraram que é possível fazer um trabalho motivado e lindo e, assim, eu descobri que a luta de ser professor é diária e que é por amor e não apenas com amor. Meu gigantesco obrigado às professoras: Fabiana, Úrsula, Ana, Leiliane, Denise, Tia Lu, Aucilene, Tia Maria. Vocês são incríveis no que fazem. Agradeço à diretora Izamar, que sempre me deixou fazer parte da escola, à Coordenadora Cleva, que sempre teve ideias maravilhosas e que me deixava fascinado pela dedicação em empenha-las. À Secretária Lucimar, sempre com uma pauta importante pra gente debater, tivemos bons cafés com assuntos bem extensos. À Tia Val e Tia

Lia, que não importa o local, a distância ou o tempo, sempre vão estar no meu coração pelas pessoas carinhosas e gentis que são. À cuidadora Reviane, que sempre foi muito acolhedora, muito obrigado.

Chego à faculdade na UECE um tanto perdido e aí conheço a Thaís Kelly que, no começo, nem éramos tão próximos, mas depois da transferência para a UFC virou uma base para aguentar todas as pressões de vida e da faculdade. Minha vida acadêmica não seria a mesma sem você, garota, seremos sempre thairasmo: os transferidos da UECE. Ainda na UECE, uma professora me chamou atenção e me cativou de cara, pela representatividade que ela transmitia a mim: Professora Tatiana, você merece o mundo! Obrigado por toda compreensão e carinho que teve!

Cheguei à Faculdade de Educação da UFC por intermédio de transferência e, de cara, me matriculei em uma disciplina que me quebraria, me tiraria da zona de conforto e me apresentaria uma professora maravilhosa: Bernadete Beserra. Ela me marcou profundamente e sou grato aos céus por isso. Outra professora que não posso deixar de citar é a Ingrid Louback. A sua didática ficou em mim, tão claro como a luz do dia. Agradeço também ao Ronaldo Almeida, que me acolheu na monitoria, que foi extremamente importante na minha formação, sou-lhe muito grato. E nada foi tão mais perfeito quanto a paciência do Thiago Sales da coordenação, sempre atencioso e disposto a ajudar, gratidão mesmo.

Tive ainda a honra de conhecer uma pessoa incrível e que, de certo modo, acendeu a chama da minha pesquisa: muito obrigado, Edilmar Sousa, você foi muito especial, receptivo e atencioso com a minha pesquisa. Sem sombras de dúvidas, a maior ajuda de todas, nesse percurso todo, foi a do meu orientador, Prof. Dr. Messias Dieb, que abraçou o meu tema, que se disponibilizou e, com muito carinho e paciência, me ajudou. Gratidão por tudo!

Portanto, fui guerreiro e forte até aqui, tirei garra de onde não tinha pra chegar até essa fase final. Obrigado a essa força maior, que rege e guia nossas vibrações, que aprendemos a chamar de Deus, mas que eu chamo de luz dos meus caminhos.

"Não é um dom, É formação, Compromisso! Nem é por amor, Mas sim, com amor, É resistência!".

Larisse Lima (Pedagoga - UFC)

RESUMO

A contação de história é uma importante prática pedagógica para o desenvolvimento infantil e da aprendizagem, tendo cultural e tradicionalmente a presença feminina nessa atividade. Nesse sentido, o presente trabalho buscou ver o outro lado, investigando as características da atividade de contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza – CE. Os sujeitos que participaram desta pesquisa foram três professores homens da rede de ensino municipal da cidade de Fortaleza-CE. Para coleta dos dados foi utilizada a entrevista semiestruturada. O apoio teórico teve seu cerne nos trabalhos de Abramovich (1997), Aragão (2018), Bettelheim (2009), Bomtempo (2003), Brasil (1996-1988), Busatto (2006), Cavalcante (2018), Coelho (1999), Dallabona e Mendes (2004), Machado (2004), entre outros. Os dados, após serem analisados, mostram que existe uma lacuna entre a formação inicial do Curso de Pedagogia e a prática de contação de história, cuja disciplina é optativa. Além disso, na escola, os professores têm algumas dificuldades para realizar a atividade, como o escasso domínio de técnicas para a contação de história, poucos materiais didáticos e o controle da dispersão dos alunos. Nesse sentido, podemos concluir que os professores estão inseguros ao realizar a contação de histórias, por não terem uma formação mais consistente em relação a esta prática, dentre outros aspectos da docência e, por isso, sugere-se que as políticas públicas e a direção da escola deem mais atenção a contação de história, pois ela é essencial para desenvolver futuros leitores e cidadãos críticos.

Palavras-Chaves: Contação de histórias. Professores do sexo masculino. Educação Infantil. Pré-escola.

ABSTRACT

Storytelling is an important pedagogical practice for child development and learning, having culturally and traditionally the female presence in this activity. In this sense, the present work sought to see the other side, investigating the characteristics of storytelling activity by male teachers in early childhood education of preschool institutions in Fortaleza - CE. The subjects who participated in this research were three male teachers from the municipal school system of Fortaleza-CE. For data collection, a semi-structured interview was used. The theoretical support had its core in the works of Abramovich (1997), Aragon (2018), Bettelheim (2009), Bomtempo (2003), Brazil (1996-1988), Busatto (2006), Cavalcante (2018), Coelho (1999) , Dallabona and Mendes (2004), Machado (2004), among others. The data, after being analyzed, show that there is a gap between the initial formation of the Pedagogy Course and the practice of storytelling, whose discipline is optional. In addition, at school, teachers have some difficulties in carrying out the activity, such as the lack of mastery of storytelling techniques, few teaching materials and the control of student dispersion. In this sense, we can conclude that teachers are insecure when performing storytelling, as they do not have a more consistent formation in relation to this practice and, therefore, it is suggested that public policies and school management pay more attention to storytelling, as it is essential for developing future readers and critical citizens.

Keywords: Storytelling. Male teachers. Child education. Pre-school.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

CEI	Centro de Educação Infantil
CEIs	Centro de Educação Infantil
CF/88	Constituio Federal de 1988
FACED	Faculdade de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB/96	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1996
MEC	Ministério da Educação
PADIN	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Infantil
PAIC	Programa de Alfabetização na Idade Certa
SEDUC	Secretaria Educação do Estado do Ceará
SEF	Secretaria do Ensino Fundamental
SER	Secretarias Regionais
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 A contação de história e seu papel no desenvolvimento infantil.....	15
2.2 O desempenho escolar do professor de educação infantil na contação de história	18
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	23
3.1 O tipo de pesquisa realizada	23
3.2 O contexto e <i>locus</i> da pesquisa.....	24
3.3 A caracterização dos sujeitos da pesquisa	25
3.4 A construção dos dados	25
3.5 Tratamento e análise dos dados	27
3.6 Aspectos éticos da pesquisa.....	28
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1 A contação de história na formação inicial em Pedagogia	30
4.1.1 Disciplina optativa.....	31
4.1.2 Tratamento esporádico: vivências pontuais e professores pontuais	32
4.2 A organização da contação de história pelos professores.....	34
4.2.1 Seguindo o calendário de datas comemorativas	34
4.2.2 Uso dos recursos.....	35
4.2.3 Momento de atividade livre	36
4.3 As dificuldades enfrentadas pelo professor na contação de história	37
4.3.1 A falta de técnica na contação de história	38
4.3.2 Atrair a atenção das crianças na contação de história	38
4.3.3 Sentir-se confortável ao contar história	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
Pontos essenciais do trabalho	43
Implicações da pesquisa	46
Sugestões de continuidade da pesquisa	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICES	50
Apêndice A – Roteiro da Entrevista	50
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre	51

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A contação de história é uma importante prática pedagógica para o desenvolvimento infantil e da aprendizagem, tendo cultural e tradicionalmente a presença feminina nessa etapa de ensino e conseqüentemente nessa atividade. Nesse sentido, o presente trabalho buscou ver o outro lado dessa prática pedagógica, investigando as características da atividade de contação de histórias por professores do sexo masculino em instituições pré-escolares de Fortaleza – CE, tendo em vista o desejo de compreender as razões pelas quais há um reduzido número de docentes deste gênero na Educação Infantil, e, por isso, elegeu-se a contação de história como protagonista da investigação.

A educação infantil, antes vista como uma ação de assistência social por parte do Estado, até a década de 1980 era de responsabilidade apenas da família. Com a Constituição Federal Brasileira-CF/1988, a educação infantil de 0 a 6 anos, passa a ser não apenas de responsabilidade do Estado, como passa a se configurar como a primeira etapa da Educação Básica, deixando de lado o viés da assistência social (BRASIL, 1988). Isso se consolida com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996, em que a educação infantil, como etapa de ensino, tornando-se parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o ensino fundamental e médio.

Com uma modificação na LDB (BRASIL, 1996), em 2006, acontece a antecipação do ingresso das crianças no ensino fundamental para 6 anos e a educação infantil passa a atender a faixa etária de 0 a 5 anos. Embora a educação infantil tenha seu direito reconhecido, e sendo dever do estado, ela só passa a ser obrigatória para crianças de 4 e 5 anos de idade pela Emenda Constitucional nº 59/2009 (BRASIL, 2009), que determina a obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos. Essa obrigatoriedade é colocada na LDB em 2013, tornando obrigatório a matrícula de crianças de 4 e 5 anos em todas as instituições de educação infantil.

Dentre as atividades que competem ao professor em atuação no campo da educação infantil, encontra-se a contação de história, momento pelo qual a ludicidade domina, criando vários espaços para o desenvolvimento da criança. O ato de contar história existe desde os mais remotos tempos da humanidade. Nas culturas mais antigas, por exemplo, essa forma de comunicação, como afirma Busatto (2006), sempre teve a função de guardar, mostrar e de não deixar morrer conhecimentos e valores, através dos contos e das lendas. Portanto, implica em uma prática que representa um papel fundamental na história e no tempo, que por sua vez

desenvolve aprendizagens significativas no desenvolvimento da criança.

A contação de história na educação infantil, conforme salientado por Busatto (2011), contribui para três aspectos essenciais do desenvolvimento da criança. Um deles é a curiosidade, pois a criança desperta a mente através da contação de história e se liberta a investigar os personagens e seu contexto. Em acréscimo, ainda segundo esse mesmo autor, a criança começa a utilizar o senso crítico, especialmente quando a moral da história permite que a criança consiga perceber que atitudes positivas geram retorno positivos e que as negativas enveredam por caminhos turvos. Por fim, o terceiro aspecto significativo que a criança desenvolve é a criatividade, pois uma história que lembra outra, que torna subsídio para uma nova, é peça fundamental para aguçar a criatividade da criança. Assim sendo, uma vez que esse ato de contar gera reflexão, e faz pensar, ele traz descobertas.

No contexto da educação infantil, é possível facilmente constatar que a maior atuação profissional é feminina, cenário este que afirma o quanto a sociedade incumbe à mulher e à figura feminina a responsabilidade pelos cuidados com a criança, com uma visão interligada com a maternidade. Indica-se que há uma tentativa de desconstrução dessa ideia, mas como se refere a um fato social (DURKHEIM, 2001), a desconstrução demora um certo tempo para acontecer. Isso reverbera no olhar dos pais e responsáveis que costumam reproduzir, mesmo que inconscientemente, tabus construídos pela sociedade com relação a quem deve tomar de conta de seus filhos quando estão na escola ou na creche.

Embora o objetivo desta pesquisa não seja comparativo, no que diz respeito à competência dos gêneros, defendo como relevante lançar um olhar mais reflexivo sobre a perspectiva do profissional do gênero masculino que atua na educação infantil, conduzindo a atividade de contação de história. Do mesmo modo, é relevante lançar um olhar acerca do fato de haver poucos homens atuando nessa área. Portanto, objetivo da pesquisa que gerou este trabalho monográfico foi analisar as características da atividade de contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza - CE, focando de modo mais específico os aspectos da contação de histórias que são provenientes da formação inicial em Pedagogia, o modo como essa atividade de contação de histórias é organizada nas instituições pré-escolares e as dificuldades que são encontradas pelos professores para o desenvolvimento dessa atividade.

Assim sendo, a estrutura retórica desta monografia se compõe, além desta Introdução, de um segundo capítulo no qual apresentamos e discutimos a temática que se refere à contação de histórias e como essa prática tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil. Em seguida, vamos descrever e analisar o desempenho do

professor de educação infantil nessa prática de contar história. No capítulo seguinte, apresentam-se os resultados e a interpretação feita a partir da análise dos dados, coletados através das entrevistas com os professores homens lotados na educação infantil da rede municipal de Fortaleza - CE. No último capítulo, apontam-se as considerações finais, onde se destaca a retomada de pontos essenciais do trabalho, as implicações da pesquisa e algumas sugestões de continuidade.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTÃO TEÓRICA

Neste capítulo será demonstrada a importância da contação de histórias no desenvolvimento infantil. Como que o lúdico e o imaginário da criança contribuem para desenvolver áreas de conhecimento significativas dela própria. Na sequência, serão evidenciados os cuidados que o professor deve ter para preparar o antes, o momento e o depois da contação de histórias, bem como apresentar seu desempenho nessa atividade. Investigar como esse profissional atua para desenvolver uma boa prática no contar histórias. Como a formação pode contribuir para a construção de um professor participante, criativo, no desenvolvimento dessa atividade.

2.1 A contação de histórias e seu papel no desenvolvimento infantil

O contar história existe desde os mais remotos tempos da humanidade. Nas culturas mais antigas, essa forma de comunicação sempre teve a função de guardar, mostrar, de não deixar morrer conhecimentos e valores, através dos contos e das lendas. Uma vez que, antes mesmo da escrita, todo conhecimento era transmitido de forma oral, confirmando assim que os contadores de histórias nascem com a humanidade. E como esses conhecimentos eram transmitidos de geração em geração, os contos de tradição oral atravessam fronteiras, viajam do oriente para o ocidente, de épocas bem antigas para os tempos de hoje. A arte de contar história renasce nos grandes centros urbanos do mundo todo, desafiando quem achava que ela desapareceria, tendo em vista que a sociedade atual vive imersa em um mundo com tantas tecnologias.

A contação de história encanta as pessoas, cria laços de afeto e transmite conhecimento. E os professores que contam histórias, mediam esse processo de forma tal, que passam a ter um papel fundamental e determinante que é: o de envolver a criança na história. Trazendo os sonhos a realidade, despertando as emoções, o lúdico e as transportando para o mundo da imaginação.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É através da história que se pode descobrir outros

lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Contar história é uma atividade lúdica, pois desperta o imaginário, transporta para novos horizontes, estabelece o senso crítico e provoca o envolvimento da criança com o social. A história contada constrói aprendizados e ajuda as crianças a interagirem com situações do cotidiano. Pode-se apontar que, ao promover ludicidade no espaço escolar através da contação de história, o professor estará construindo na (para) criança diversos sentidos do aprender, de forma que ela perceba a beleza de conhecer e desenvolver-se através de atividades práticas, interessantes e simbólicas. E nessa perspectiva, a contação de história pode estimular na criança brincadeiras como a de faz-de-conta, onde ela expressa seus desejos, fantasia e experiências, dominando assim suas angústias e seus medos.

Ao se falar da contação de história e seu papel lúdico na aprendizagem estar-se-á buscando abordar as implicações que a leitura de contos infantis têm no processo de construção do conhecimento pelas crianças. É interessante mostrar que a ludicidade tem em si uma característica que lhe é própria – a motivação para o aprender. Pois, “o jogo e a brincadeira são experiências vivenciais prazerosas. Assim também a experiência da aprendizagem tende a se constituir em um processo vivenciado prazerosamente” (DALLABONA e MENDES, 2004, p.9). Neste sentido, a contação de história na educação infantil é fundamental, pois é nesse período que a criança entra em contato com os signos, as letras, e é onde o despertar pela leitura deva ser incentivado.

A oralidade se faz presente a todo momento, estimula as expressões e ajuda no meio social. De acordo com Betty Coelho (1999, p.26), “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento”. Logo, é extremamente importante a prática dessa atividade na educação infantil, porque estimula a criatividade, fazendo com que a criança transpasse a leitura ou a história do livro e a utilize nas suas interpretações, vivendo e experimentando o lúdico.

A criança consegue fazer sua própria leitura de mundo desde muito pequena, sua interação com o meio facilita nesse processo. Não se refere aqui à leitura que estamos habituados a codificar, mas a significação que ela dar ao tocar, ao sentir, ao ver e ao interagir com o seu meio. Em seu livro *A importância do ato de ler* (1988), Paulo Freire fala que a

leitura de mundo, precede a leitura da palavra, ou seja, o indivíduo consegue interpretar situações do seu meio e das suas interações sociais, antes mesmo de saber ler. Assim o livro deve ser ferramenta fundamental do professor, para que o mesmo consiga estimular emoções nas crianças, que a tornem pensantes e agentes da história.

De acordo com Bomtempo (2003, p.33), “a leitura feita pelo professor em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, fornece-lhes um repertório rico em expressões e vocabulário facilitando a interação da criança com a linguagem escrita”. Por esse motivo, a leitura para crianças deve ser bem pensada, planejada e executada, cujos aspectos facilitarão a construção das habilidades citadas acima. Não basta ler por obrigação, porque está no planejamento, ou faz parte da rotina. A leitura para crianças é antes de tudo um ato de motivação pessoal do professor; não se estimula o gosto pela leitura, se quem ler, o está fazendo por coação. É nessa troca de experiências que o processo de aprendizagem da criança vai se desenvolvendo, tornando-a capaz de expressar das mais diversas formas seu processo criativo.

Ressalta-se que cada criança se desenvolve de uma maneira única, em um tempo único, onde se deve observar e respeitar esse ciclo. Uma vez que essas etapas decorrem de cada idade, do nível de conhecimento e do amadurecimento afetivo e emocional. Tudo isso, deve ser considerado na hora da escolha da história que será contada. Cabe aos professores o cuidado com a escolha de cada história, para que os alunos não percam essa magia, uma vez que, as condições que se encontra o mundo cada vez digital e informatizado, com as redes sociais cada vez mais roubando os holofotes da escola, o espaço para os livros vai perdendo cada vez mais seu lugar. De acordo com Villardi (1997, p.110), “a literatura é feita para encantar, é feita com prazer para proporcionar prazer, o que vem depois é consequência desse prazer”. Nesse sentido, o autor traz a importância do leitor crítico e sensível, onde esse processo o torna mais feliz. Então, se entende que a escolha da história é fundamental para prender o ouvinte, pois o contador precisa se encantar inicialmente pela história contada; ele deve criar interesse e agir com naturalidade para prender a atenção das crianças, e para que o mesmo consiga teletransportá-las para o universo lúdico e imaginário delas.

Não se apaixona pelos livros ou pelas histórias que se vai contar para uma criança, da noite para o dia. O gosto de contar história requer antes de tudo, paixão, gosto pela leitura, planejamento e boas escolhas. Por isso, são diversos recursos e estratégias que podem ser desenvolvidas para o momento e preparo da contação de história, como vamos ver a seguir.

2.2 O desempenho do professor de educação infantil na contação de histórias

É de entendimento de todos que fazem educação que ela não pode ficar restrita a transmitir conhecimento pronto e acabado, mas que a aprendizagem torne uma construção dos alunos, integrando cada saber a suas vivências. Nas práticas pedagógicas da educação infantil, a construção de conceitos e formulação de ideias se dará por esse viés. O contar história é uma arte que precisa ser minuciosamente estudada/aplicada e, para isso, é preciso ter técnica e esta pode desenvolver vários aspectos que são cruciais para prender a atenção da criança.

Para além disso, as técnicas exercem um importante papel nesse processo, que é o encantamento. Nesse quesito, o professor de educação infantil precisa saber está preparado para utilizar de forma correta os procedimentos certos para cada história contada, bem como utilizar de espaços e tempos para melhor atender suas necessidades. Para Abramovich (1997), a contação não pode ser feita de qualquer jeito, sem nenhum preparo. Pelo contrário, corre o risco de no meio da contação, estancar ao pronunciar alguma palavra, fazer pausas em momentos errados, pausas longas ou mesmo perder o seu rumo e, certamente, a criança irá perceber.

O professor precisa se entusiasmar ao contar ou ler um livro para que consiga trazer prazer para as crianças ao ouvi-lo. Não obstante do preparo do professor, é preciso que se organize o espaço que se vai narrar a história; é necessário que seja um local acolhedor e confortável para que as crianças não caiam no cansaço e na fadiga. É preciso escolher com cuidado um ambiente com cautela, observar, por exemplo, se for em um local aberto, que o mesmo tenha sombra, esteja longe de barulhos externos. Mas, se ocorrer em um espaço fechado como na sala de atividades, que a mesma seja arejada e tenha conforto e se mantenha o silêncio para concentração na história, que se coloque um tapete ao centro, que pode ser explicado através do lúdico, como um tapete mágico, que vai transportar a todos para o local onde a história será narrada, almofadas coloridas para tornar um ambiente feliz. De acordo com a história contada, o professor pode conseguir levar alguns elementos para o cenário. Isso ajuda na construção da história e na imersão das crianças na vivência dos personagens.

É importante que o professor, ao iniciar a contação, faça uma atividade para chamar a atenção das crianças, podendo cantar uma música de inicialização para que as crianças entendam que é o momento de ouvir histórias, como também pode realizar uma dinâmica que os ajude na concentração. Ao finalizar, da mesma forma, ele pode elaborar um momento de encerramento, com uma dinâmica, e pode se utilizar de recursos como: desenho, pinturas, rodas de conversa, dentre outras, ou uma música para concluir esse momento, que é muito

importante, pelo fato da criança sair do mundo imaginário para entrar no mundo real.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2009, p.11).

Certamente é o estimular a criança e a leitura que a fará leitora para toda vida. Isso não se refere aqui a quantidade de livros que ela possa ler, mas no sentido de que ela possa sentir prazer ao ler e posteriormente consiga passar a história com verdade. Esse estímulo pode vir com uma boa narrativa da história.

É importante lembrar que o livro deve sempre permanecer no local, ao alcance da visão da criança, justamente para que ela perceba de que a história que está sendo narrada vem de lá. Edmir Perrotti, citado por Maricato (2006, p.18), diz: “primeiro a criança escuta a história lida pelo adulto, depois conhece o livro como um objeto tátil, que ela toca, vê e tenta compreender as imagens que enxerga”. É essencial ressaltar que nem sempre o professor de educação infantil chega pronto, sabendo utilizar todas as técnicas corretamente, sabendo o momento certo para cada ação tomar. Por isso, deve-se afirmar a necessidade dos Cursos de Licenciaturas em Pedagogia, em oferecer discussões para essa área, que o currículo seja revisto e que possa incluir uma disciplina que aborde de forma integral essa área, que é tão importante para a educação infantil.

Para além dessa fase inicial, quando o mesmo já estiver em campo de atuação, é importante que seja oferecida uma formação continuada com foco na contação de história. Tendo em vista a presença do professor homem na educação infantil, é preciso que ele possa se despir de todos os tabus e adentrar junto com crianças no universo lúdico. Isso requer improvisos, caracterizações, imposições de vozes e dentre outras técnicas necessárias para a contação de histórias. Em certo ponto, isso talvez possa até gerar um desconforto ou um estranhamento nessa ação para ele. Assim é necessária uma formação que lhe ofereça uma base formativa satisfatória, que o fará se abrir mais para as possibilidades e a multidisciplinaridade que essa atividade oferece.

A autora Regina Machado, no seu livro *Acordais - Fundamentos Teóricos Poéticos da Arte de Contar Histórias* (2004), descreve os principais elementos que um contador deve conter para narrar história. Toda explanação que a autora faz auxilia no processo de atuação do professor homem na educação infantil, pois ela delinea especificamente e diretamente a

atividade da contação de história, explicando em detalhes o passo a passo do que essa atividade deve conter. Inicialmente, ela fala sobre a intenção que é o aspecto que dá sentido a experiência de contar história.

[...] Cada pessoa tem um modo de entender e investigar essa questão. Alguém conta histórias porque gosta de sonhar ou quer compartilhar um momento de magia. Ou porque deseja que os outros experimentem o mesmo estado acima e além do tempo, ou se sente desafiado a conquistar uma audiência, ou gosta de ver o brilho nos olhos das crianças [...] (MACHADO, 2004, p.1).

É perceptível que, com essa intensidade o contador/professor, ele consegue prender tanto a atenção dos alunos a ponto de hipnotizá-los, de transportá-los para o mundo da imaginação. Por isso, dizem que ler é viajar. Agora, imagine a simbologia fantasmática de quem escuta a leitura? Por isso, as crianças ficam tão impressionadas com apresentação que permanecem presas a história. Outro ponto abordado pela autora é sobre a importância do ritmo, pois ele quem dar sentido e precisão as palavras (decodificação), que junto com a automaticidade de lê-las em consonância com a respiração, promove no ouvinte a fascinação pela história. “As caras e bocas” (sem exagero) que se traduzem pelo bom fluxo da narração, os gestos, o olhar e a modulação da voz, promove uma explosão de emoção na criança.

[...] A cadência é o ritmo, a respiração do contador de histórias, em consonância com a "respiração" da história. Para poder acompanhar a cadência da história, é necessária uma disposição interna do contador, para deixar-se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e o olhar, de acordo com os diferentes "climas expressivos [...] (MACHADO, 2004, p.2).

Neste sentido, a autora lança luz à necessidade da respiração para a sequência do contar história, dizendo do quanto ela é importante e necessária para se desenvolver uma boa narrativa. Ou seja, a leitura com uma apropriada expressão, ritmo e entonação, permite ao leitor manter o significado da contação, o que é denominado por Kuhn e Cols (2010, *apud*, PULIEZI; MALUF, 2014) de ler com prosódia.

Na sequência, Machado (2004) trata sobre a utilização de recursos internos e, nesse ponto, ela discorre que a prática de respirar desses elementos se dá pela prática de exercícios, como observar, da percepção das expressões das coisas, da curiosidade e do senso de humor e do contato com imagens internas significativas. Adiante, ela mostra a perspectiva da técnica, o quanto esta se torna importante e essencial na construção e no desenvolvimento da história. “A técnica é o domínio do instrumental que permite a atualização da intenção e do ritmo,

combinando recursos internos e externos” (MACHADO, 2004, p.3). Portanto, é preciso técnica para saber contar história, conhecer e sentir a mesma para em seguida reproduzi-la, respeitando seu ritmo e conhecendo as diferentes formas de narrar.

Acerca dos recursos externos, a autora assinala o quão importante eles são na construção da história. Essas utilizações se aplica ao observar o cotidiano e sentir a ação como ela é, como por exemplo, perceber uma criança brincar, desenhar o sapato de um personagem; todas essas percepções, ajudam na construção da narrativa. A autora fala também da necessidade de se desprender das narrativas com os recursos externos, que também é interessante narrar impondo a voz, articulando gestos e mudando o olhar, “[...] É preciso saber contar uma história sem nenhum recurso externo, para experimentar a sensação da soberania da história, contando apenas com sua força expressiva, tal como se revela pela presença do contador” (MACHADO, 2004. p.4).

Outro ponto importante que ela cita na obra é o espaço, da importância de se escolher um local agradável, acolhedor. Comenta sobre a importância de se ter uma parede limpa, sem muitas informações, para que a imagem da criança possa se projetar sem nenhuma interferência de elementos alheio a narrativa. Por fim, ressalta a relevância do trazer a história e fazê-la acontecer no meio das crianças.

A passagem do mundo de todos os dias para o mundo do "Era uma vez" é uma ação fundamental. Como um rito, ela presentifica, atualiza a história, trazendo-a para a audiência e também para o contador. O importante é a intenção de realizar essa passagem, é saber que ela faz parte da arte de contar (MACHADO, 2004, p.6).

É fundamental o professor viver a história e acreditar em sua verdade, a ponto de se desprender de amarras e levar as crianças a experimentar e viajar pelo mundo da imaginação. Viver o ser criança de maneira intensa e intencional, promovido pelos momentos de contação de histórias na escola, e que esta prática transite pela comunidade e pela sua família. Porque a criança quando escuta uma história ela imagina, cria e recria sua realidade através do irreal, como sujeito histórico e social. Portanto, a contação de história é importante na educação infantil, pois as técnicas que compõem sua estrutura abrem caminhos para aprendizagens significativas no desenvolvimento da criança.

Seu desenvolvimento está muito associado ao que a escola e a sociedade a definem como tal, pois a criança sendo “um sujeito histórico, [...] é profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca” (BRASIL-MEC/SEF, 1998, p. 21). Por

isso, a professora e/ou o professor que se utiliza da contação de história de forma apropriada, estará contribuindo para desenvolver um sujeito-cidadão de sua própria história. Desse modo, para apurar esta relevância que a contação de história demonstra ter no processo de desenvolvimento infantil foi necessário percorrer um caminho metodológico, definindo o tipo de pesquisa e os procedimentos para colher os dados, como serão descritos a seguir.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Neste capítulo, detalha-se o desenvolvimento metodológico desta pesquisa. A mesma se divide em três momentos distintos, no entanto complementares. Inicia-se com o delineamento da pesquisa: tipologia e abordagem; no segundo momento, apresenta-se o contexto e *lócus* da investigação, e a identificação dos sujeitos da pesquisa; e no terceiro momento mostram-se como os dados da pesquisa foram construídos, tratados e analisados.

3.1 O tipo de pesquisa realizada

Com o propósito de investigar as características da atividade de contação de história por professores do sexo masculino em instituições de educação infantil, optou-se por realizar uma revisão bibliográfica para desenvolvermos uma pesquisa descritiva e interpretativa (quanto ao seus objetivos), dentro de uma abordagem qualitativa, na perspectiva do objeto de estudo e da análise dos dados. A revisão bibliográfica trata de uma discussão fundamentada nas teorias (bibliografias disponível e atualizada) sobre a temática em questão: a contação de história e a presença do gênero masculino na educação infantil. Segundo Fonseca (2002, p. 32), toda “pesquisa [...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas [...] que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”.

O autor ainda reforça que o pesquisador deve cuidar da seleção de material e na análise dos mesmos, de modo a evitar o resultado e a qualidade da pesquisa. Trata-se, portanto, de um procedimento técnico, cuja descrição do fenômeno é elaborada a partir de material já publicado (GIL, 2009 *apud* MATIAS-PEREIRA, 2012). Para auxiliar nessa tarefa de reflexão sobre as teorias, foi de suma importância a seleção de autores que tratam sobre o tema investigado. Por isso, apresentam-se as referências de alguns dos autores: Fany Abramovich (1997); Betty Coelho (1999); Paulo Freire (1988); Luzia Bomtempo (2003); Raquel Villard (1997); Regina Machado (2004); Cléo Bussato (2003; 2006).

A pesquisa é de natureza descritiva, pois, conforme Cartoni (2009, p. 30), nela o pesquisador “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los [...] tem por objetivo definir melhor um problema, descrever comportamento dos fenômenos, [...], sem a pretensão de explicá-los”. Nessa perspectiva, a pesquisa também é qualitativa, pois, como argumenta Minayo (2001, p.14 *apud* FONSECA, 2002, p. 20), ela

“trabalha com [...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Reforça-se ainda que a pesquisa tem o caráter qualitativo, pois visa investigar e discutir uma temática sociocultural que se expressa por opiniões, valores, formas de relações, comportamentos e práticas, simbologias, costumes, e busca a intensidade do fenômeno (MINAYO, 2017). Além disso, caracteriza-se a pesquisa como qualitativa porque se opõe aos paradigmas positivistas quantitativos, bem como por se tratar de um estudo fenomenológico na educação. Conforme Macêdo (2010, p.39), “para o olhar qualitativo, é necessário conviver com o desejo, a curiosidade e a criatividade humana; [...] com as incertezas e o imprevisto”.

3.2 O contexto e o lócus da pesquisa

Situada na região do Nordeste brasileiro, Fortaleza é a capital do estado do Ceará. Tem uma população de 2.452.185 habitantes (IBGE/2010), mas com uma estimativa de 2.669.342 no ano de 2019 (IBGE/2019). É a maior cidade em densidade demográfica entre as capitais do Brasil, além de ser a maior cidade do Ceará em população e a quinta do país. Com relação aos dados sobre educação, apresenta uma taxa de escolarização de 96,1% (IBGE/2010), e segundo dados do IBGE/2018, na educação infantil haviam 57.157 crianças matriculadas (os dados se referem de maneira global à etapa de ensino da pré-escola, sem detalhar a matrículas de crianças entre 0 a 3 anos). O município de Fortaleza conta com 220 unidades de ensino exclusivamente voltadas à educação de crianças. São 138 Centros de Educação Infantil (CEIs) e 82 Creches Conveniadas, que atendem crianças com idade de creche e pré-escola (1 a 5 anos). O município de Fortaleza, desde 2017, através de sua Secretaria Municipal de Educação-SME faz parte do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Infantil (PADIN)¹ da Secretaria Educação do Estado do Ceará-SEDUC, dentro do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC).

No que tange propriamente dito ao *lócus* da pesquisa, as instituições de educação infantil foram 03 (três) Centros de Educação Infantil (CEI), localizados na periferia do

¹ Objetiva a formação de familiares para garantir o bem-estar físico, emocional, social e cultural, a linguagem, o desenvolvimento cognitivo, as habilidades de comunicação e os conhecimentos gerais das crianças de 0 a 3 anos de idade, por meio das brincadeiras e da interação com os adultos e jovens, bem como formação de professores. (Disponível em:< <https://paic.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/padin>>. Acesso em 04 nov. 2019)

município, a saber: a) O CEI Iracema ; b) O CEI Voar; c) O CEI Caoca. Os referidos nomes são fictícios para preservar a identidade das instituições. Os CEI's apresentados fazem parte da organização administrativa educacional da SME de Fortaleza, das Secretarias Regionais-SER e da SEDUC-CE. Dos três CEIs escolhidos, apenas um da pré-escola tem estrutura física apropriada para atender as crianças, com salas amplas, espaços para realização das atividades de recreação, bem como da contação de histórias, refeitório, banheiro e dependência administrativa (gestão escolar).

Os demais funcionam em locais readequados, como galpão, com salas improvisadas, pequenas, sem ventilação. Além disso, o espaço de lazer é aberto, tendo suas atividades pedagógicas submetidas ao tempo e ao clima para realização de brincadeiras. Ressalta-se ainda que os CEI's não apresentaram espaço social de convivência propício para a contação de história.

3.3 O perfil dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram essencialmente professores do sexo masculino, que lecionam em salas de Educação infantil em escolas públicas (Centro de Educação Infantil-CEI's) no município de Fortaleza-CE. A seguir apresentar-se-á o perfil dos 03 (três professores) selecionados para fazer parte da pesquisa. A escolha do número de sujeitos se deu por uma lógica de procedimento técnico investigativo (delimitação), pois se pressupõe que o quantitativo é bom número para realizar a análise dos dados. Quanto aos motivos de escolha de quem são os sujeitos, ela aconteceu de forma voluntária, onde o conhecimento (vínculo) e a aproximação acadêmica entre o pesquisador e os mesmos foram determinantes para esta seleção.

Salientam-se por uma questão de preservar a identidade dos professores, eles serão denominados com nomes fictícios, a saber: Professor **C**, Professor **A** e Professor **R**, ou simplesmente Prof. **C**; Prof. **A**; Prof. **R**.

- **Professor C** – atua no CEI Iracema, tem 25 anos, ingressou na educação infantil em 2016, através do concurso público da Prefeitura de Fortaleza. Tem formação inicial em Agronomia, mas desejava ser professor e, por isso, resolveu cursar Pedagogia pela UFC e após seu término fez especialização em Educação Infantil.

- **Professor A** – atua no CEI Voar, tem 33 anos e tem formação inicial em Pedagogia pela UFC. É professor da rede pública há uns 7 anos; já foi professor temporário por um período de 4 anos, com algumas experiências na educação infantil. Após passar no concurso público da Prefeitura de Fortaleza, passou pelas turmas: Infantil 4, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I, e atualmente está como Professor Regente II do infantil III pela manhã e, a tarde no Infantil 5.
- **Professor R** – atua no CEI Caoca, mas está na Educação Infantil desde 2015, quando também passou no concurso público da Prefeitura de Fortaleza. Tem formação em Pedagogia pelo Instituto Dom José (UVA) e foi lotado na Educação Infantil, mesmo não tendo experiência, aceitou para romper barreiras. Hoje já se sente mais confortável.

3.4 A construção dos dados

A partir da delimitação do objeto de estudo, foram pensadas quais instituições e sujeitos fariam parte da pesquisa, por isso, buscaram-se na rede municipal de ensino da educação infantil de Fortaleza, professores que atuassem nos CEI's e que fosse de fácil acesso para o pesquisador. Além disso, foram delineados os procedimentos e as técnicas para se coletar os dados.

Neste sentido, optou-se pelos seguintes instrumentos/técnicas: visitas ao CEI's e entrevista semiestruturada. Quanto ao primeiro procedimento, a escolha do CEI's se deu automaticamente com a escolha dos sujeitos da pesquisa, ou seja, quando feito o convite aos professores para colaborar com esta investigação, prontamente foi recebido o convite para visitar o espaço do trabalho de cada um. Ao apresentar para gestão do CEI a proposta de estudo, pediu-se autorização para conhecer a escola e permissão para esta ser o *locus* da pesquisa. Sem exceções, quando foi realizada primeira visita, o sentimento do pesquisador foi de gratidão por ter sido tão bem acolhido pela gestão e pelos professores, a receptividade e atenção dispensadas, fizeram toda diferença na coleta de dados. Os três CEI's estão localizados na periferia de Fortaleza, como já mencionado.

O CEI Iracema é uma escola ampla, contém dois banheiros infantis, dois para funcionários, uma secretaria, uma sala de direção, uma sala dos professores, um refeitório, uma cozinha, oito salas de atividades, uma quadra coberta e uma área ao ar livre. Já o CEI

Voar faz parte de uma creche escola adaptada, contendo cinco salas de atividades, dois banheiros infantis, dois banheiros dos funcionários, uma sala de direção, um espaço de recreação aberto, não cimentado, o refeitório é adaptado em um corredor. O CEI Caoca é uma creche escola adaptada em uma espécie de galpão, contendo 6 salas adaptadas, uma secretária, um almoxarifado, um banheiro para funcionários, uma cozinha, uma quadra aberta, uma área com brinquedos para recreação.

Com relação à técnica de visitação aos CEI's, foi realizada pelo menos 02 (duas) visitas em cada centro. Uma para apresentação da intenção do pesquisador através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a gestão da escola. Neste momento, o professor-sujeito da pesquisa acompanhou o diálogo. Em outro momento, foi realizada uma visita para conhecer o funcionamento do CEI. Quanto aos sujeitos, de modo geral, a recepção foi calorosa, no entanto, não foi possível realizar a entrevista com eles no espaço escolar.

Com o Professor C, a entrevista foi realizada na FACED-UFC (Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceara) e foi percebido que o professor é muito empenhado com as atividades da escola, bem como mantém uma boa relação com a prática de contar história. Com o Professor A, a entrevista foi realizada via aplicativo de celular Whatsapp, tendo em vista o desencontro de horário. Ocorreu por intermédio de áudios gravados a cada pergunta, que depois foram transcritos e com ele a atividade foi bem proveitosa, pois o professor foi muito atencioso com o convite a participar dessa pesquisa, pois acha de extrema importância a discussão dessa temática. Por fim, com o Professor R, a entrevista foi realizada em seu local de trabalho. Ele foi muito receptivo ao convite, mesmo na correria do dia a dia, encontrando um horário para encaixar a entrevista. Foi muito atencioso e respondeu com atenção a todas as perguntas. Para entrevista dos professores, foi utilizado um roteiro de perguntas (*Apêndice 1*), que tratava de dados pessoais, dados profissionais e questões específicas sobre o objeto de estudo: a contação de história. O roteiro foi organizado apenas com perguntas subjetivas, abertas. As entrevistas foram realizadas entre os dias 05/09/2019 á 08/10/2019.

3.5 Tratamento e análise dos dados

No que se refere às visitas, foram realizadas anotações em um pequeno caderno (diário do pesquisador), apontando aspectos observados em cada visita. Após a saída dos CEI's, foi construído um resumo simples sobre as observações realizadas. Com relação às

entrevistas dos professores, duas foram escritas na conversação espontânea e outra foi transcrita do áudio, do aplicativo de celular. De posse das entrevistas e transcrições, denominaram-se os três professores com pseudônimos para preservar sua identidade: Professor C, Professor A, Professor R. Da mesma forma, agiu-se com os nomes dos CEI's, que foram utilizados de todos os espaços e sujeitos. Para analisar e comparar as falas de cada sujeito tabulou-se as respostas por objetivo, delineado no projeto de pesquisa.

Para concluir a análise, foi realizada uma síntese comparativa ou destacaram-se as falas de mais relevantes. Os objetivos utilizados nesta tabela foram: a) as contribuições da formação inicial em Pedagogia para os professores em relação à atividade contação de história; b) o modo como as práticas de contação de histórias são propostas pelos professores na educação infantil; c) as dificuldades encontradas pelos professores no desenvolvimento da atividade de contação de história.

3.6 Aspectos éticos da pesquisa

Para tornar a pesquisa idônea e garantir seu sucesso e cientificidade, utilizou-se o instrumento TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*Apêndice 2*), cujo documento representa a seriedade da pesquisa e da instituição a qual representamos. Além disso, contém o objeto e a finalidade da pesquisa, suas potencialidades, seus riscos, e os direitos do sujeito, como se exibe a seguir os tópicos do termo:

1. **Objetivo da pesquisa:** apresenta o objetivo da pesquisa, convidando o sujeito a participar do processo, cuidando para que não se sinta coagido a participar e isso não atrapalhe sua dinâmica laboral e pessoal, isso é uma garantia de respeito a sua disponibilidade;
2. **O que você vai fazer:** neste aspecto o pesquisador esclarece que está solicitando a opinião e a percepção do sujeito em relação a objeto de estudo, através da entrevista de, no máximo 40 min, em seu tempo livre;
3. **Potenciais benefícios:** o pesquisador relata que os benefícios da pesquisa se destinam mais a sociedade em geral, do que ao próprio entrevistado, mesmo que ele seja beneficiado indiretamente através de debates, projetos, e melhorias advindas das contribuições da pesquisa, etc. Aqui fica claro que, não haverá nenhum tipo de compensação, seja ela financeira, ou outra de qualquer natureza, pela participação do sujeito neste estudo;

4. **Potenciais riscos:** neste ponto o pesquisador alerta que não há risco nenhum diante da participação do sujeito na pesquisa, a não ser a revelação de dados pessoais, mas, o sujeito tem o direito de não revelar e/ou de não permitir que informação desta natureza seja publicada. Além disso, os riscos são minimizados por meio de um pacto de privacidade e confidencialidade (item 5 do TCLE);
5. **Privacidade e confidencialidade:** neste termo, este é o pacto entre pesquisador e sujeito, pois este ao concordar, terá todos os dados identificáveis em suas descrições serão substituídos pelo uso de pseudônimos e códigos, e estarão guardados e mantidos em confidencialidade o máximo que é exigido por lei, mesmo que o trabalho seja divulgado em apresentações ou meios digitais;
6. **Seus direitos: você pode participar, dizer “não” ou desistir (retirar a autorização):** a participação do sujeito nesta pesquisa é completamente voluntária. Ele tem o direito de dizer NÃO;
7. **Dúvidas, preocupações ou perguntas:** neste último ponto o pesquisador disponibiliza seu nome e do orientador, seus respectivos dados telefônicos, bem como da Universidade e do Comitê de Ética, para que o sujeito entre em contato para tirar alguma dúvida, preocupação ou pergunta sobre esta pesquisa, etc.

Além dos aspectos que constituem o termo, a fim de se garantir aos sujeitos a participação consciente, consentida, voluntária e altamente ética, promete-se substituir os nomes reais dos espaços (*locus*) e dos sujeitos por pseudônimos, ou seja, nomes fictícios. Portanto, os procedimentos metodológicos, seus instrumentos e técnicas deram suporte e sustentabilidade para que a pesquisa fosse executada. A metodologia é a essência da coleta dados, e contribui significativamente para a análise e interpretação dos dados, que segue no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, será apresentada a leitura dos dados da pesquisa, que foram coletados através de visitas às três instituições de educação infantil, das entrevistas semiestruturadas realizadas com os três professores do sexo masculino dos CEI's. Esta leitura se apropriará também do levantamento bibliográfico que conversará com os dados colhidos, cuja análise traduz a abordagem qualitativa da pesquisa. No que tange a temática, abordar-se-á a contação de história sobre diferentes prismas: a existência e as vivências da contação de história no curso de formação de Pedagogia; a organização e estrutura da contação de histórias pelos professores, suas estratégias e técnicas, bem como as dificuldades enfrentadas por eles.

4.1 A contação de histórias na formação inicial em Pedagogia

Considerando o currículo do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará-UFC, ele tem no mínimo 8 (oito) semestres e no máximo 12 (dozes) semestres, com carga horária total de 3.216 horas, sendo 2.720 horas de atividades formativas, 320 horas de estágios supervisionados e 176 horas de atividades complementares teórico-prática. A contação de história enquanto disciplina é ofertada, mesmo que ela não esteja vinculada a estrutura curricular obrigatória, isto é, não é uma área amplamente discutida na Pedagogia, ela tem alguns espaços de diálogos em algumas disciplinas, bem vagos. Segundo os professores entrevistados, a disciplina ofertada se resumiu em momentos sobre a literatura infantil, com estudos de textos (estudos teóricos) e produção de livros de literatura, por exemplo, na realização de oficinas pedagógicas. Diante da não oferta de uma disciplina fixa do currículo, foi questionado aos professores: Ao longo do seu processo de formação (antes e/ou durante a universidade), houve algo ou alguém que tenha te fornecido embasamento teórico e prático para a realização dessa prática na educação infantil?

Diante das declarações dos professores, percebe-se a falta na formação inicial (na universidade) de uma sistemática curricular mais apropriada para dar sustentabilidade a prática da contação de história, uma vez que eles acentuam a importância da atividade para desenvolver a criatividade dos alunos, como declarou o *Professor C*: “A questão de você trabalhar o imaginário da criança, para ela desenvolver potencialidades de criação e tal, e isso não foi feito”. Já o *Professor R*, disse: “Muito superficial, algo em uma disciplina aqui, outra

ali. Mas nada tão específico. Gostaria muito de ter vivenciado uma disciplina só com essa temática, teria me ajudado bastante”. E contrariando os professores anteriores, o *Professor A* declarou que houve muitos autores e teóricos que lhe deu embasamento para realização da atividade, além disso, citou o nome de duas professoras da FACED como essenciais no seu processo de formação dessa prática na Educação Infantil.

4.1.1 A contação de história como disciplina optativa

A formação inicial de um profissional se dar obrigatório na academia. É nela que ele terá fundamentos teórico-práticos para atuar nas instituições de ensino. Assinala-se que, essa formação se consolida com a formação continuada, ora ofertada ao professor pelas instituições públicas, ora buscado por ele em instituições privadas. Como já citado, a contação de história como disciplina na faculdade formadora dos professores em questão, não houve uma apropriação sistemática dessa prática enquanto currículo obrigatório, “era uma disciplina optativa, mas é do tipo de quem quer que vá atrás. Tivemos uma vivência com uma professora, muito envolvente até, que deu algumas técnicas, mas que era na verdade a prática pela prática”, assinala o *Professor C*.

E ele acrescenta:

Teve uma disciplina que era ofertada aqui na FACED, tipo literatura na educação infantil. Mas, não era uma disciplina que fazia a gente ter acesso a uma vasta literatura infantil. E foi mais uma discussão sobre a área literatura infantil, a gente produziu livros de literatura. Discutimos várias coisas sobre a área, mas senti que foi vago. E foi essa disciplina, eu acho tão importante a literatura para educação infantil, que vejo a necessidade de se abrir espaço pra essa área dentro da grade curricular [...] (*Professor C*).

No que se refere à fala do professor em caracterizar a disciplina e as discussões como vago, percebe-se que o mesmo busca fazer uma relação com o que aprenderia com sua prática futura, ou seja, as experiências vivenciadas na faculdade, no aspecto da contação de história foram falhos na formação dessa prática, pois, seu desejo era se formar para formar sujeitos leitores. “O docente, portanto, congrega em si duas ações fundamentais: primeiro, ele deve ser responsável por um processo de formação interior cuidadoso, depois, de posse desse aperfeiçoamento, vai transformá-lo de maneira a ajudar o outro a se formar” (IPIRANGA, 2018, p.22).

E ao atribuir valor a literatura para educação infantil, e que esta tivesse mais espaço no currículo acadêmico, o professor certamente provoca a universidade para formar pedagogos encantadores pela ficção e pelo imaginário, porque a literatura constitui-se como um caminho para conhecer o mundo e os seres humanos, como assinala Martins (2018).

A Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos: convicta de ser acionada por uma “missão”, ela colabora para o desvendamento daquilo que todos nós, conscientemente ou não, perseguimos durante a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, como ficção expressa por meio de vocábulos polivalentes. (MOISÉS, 2012, p.28, *apud*, MARTINS, 2018, p.37)

Portanto, a universidade precisa repensar seu currículo, pois segundo a Proposta Pedagógica do Curso de Pedagogia de maio/2014², na grade curricular obrigatória não consta disciplina nenhuma que faça referência a prática de contação de história. Essa disciplina de fato faz parte do currículo opcional, registado como PD0055 – Literatura Infantil e Educação da Criança (64 h/a) e/ou PD057 – Práticas Lúdicas, Identidade Cultural e Educação (64 h/a), que apontamos haver algum direcionamento neste sentido para a prática de contação de história, brincadeiras e ludicidade.

4.1.2 Tratamento esporádico: vivências pontuais, professores pontuais.

Quando uma prática pedagógica não é sistemática, pouco se converte em prática direcionada para o desenvolvimento do sujeito, e conseqüentemente do ser humano. Constatou-se, tanto pelas falas dos professores, como em documentos oficiais da FACED (faculdade a qual dois dos entrevistados concluíram seu curso de Pedagogia) que, a contação de história não fornece técnicas propriamente ditas para formação dos professores-contadores de história, mesmo considerando que também é dos professores a responsabilidade de buscar formação pessoal. Contudo, a contação de história é tratada de maneira esporádica com vivências pontuais e profissionais pontuais, dada a sua existência no currículo do curso Pedagogia na categoria optativa. Assim, quando a prática ou mesmo a teoria da contação de história é tratada em segundo plano, resta aos professores buscarem nas formações continuadas, ou por dicas de colegas professores, para atuarem de forma a preparar leitores habituais.

² Fonte: faced.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/ppc-vespertino-noturno-07-10-2014-revise3o-mec-publicar-13-11.pdf; Acesso: 02 nov. 2019.

Muito superficial, algo em uma disciplina aqui, outra ali. Mas nada tão específico. Gostaria muito de ter vivenciado uma disciplina só com essa temática, teria me ajudado bastante. Hoje, atuando na educação infantil, eu vejo o quão importante é trabalhar a ludicidade. Trabalhar o imaginário e explorar a criatividade. Mas não me sinto um professor criativo, baseio minhas aulas pelo que recordo das coisas que vejo, de um colega, das ideias que vejo na internet. Mas nunca consigo fazer tal e qual (*Professor R*).

O fato da temática Contação de História ter sido dada como disciplina optativa sobre a denominação Literatura Infantil e Educação da Criança, os professores apontam que não houve aproveitamento do conteúdo e das vivências para sua prática em sala de aula, mesmo que por eles tenham passado bons professores e ótimas experiências. No entanto, como elas não foram uma constante, ou não houve ensinamento de técnicas de contação, os mesmos sentiram-se “um peixe fora d’água”. Em contrapartida, observa-se que a formação dos professores não se limita aos bancos acadêmicos (mesmo que determinadas disciplinas seja optativas), uma vez que, se houve excelentes professores e vivências excepcionais no que tange a prática de contação, ou literatura infantil, pressupõe-se que os mesmos teriam se motivado para buscar leituras pessoais ou pesquisas na área e assim, ser também responsável por sua formação inicial.

E quando se fala em técnica de contação, fala-se de ludicidade, de aprender brincando, jogando. A contação de história por natureza é lúdica, é imaginativa, criativa e criadora, por isso, o *Professor R* invoca o fazer lúdico como relevante para a contação de história, porque a criança é um sujeito envolvente, curioso, gosta de aprender com alegria. “As técnicas lúdicas fazem com que a criança aprenda com prazer, alegria e entretenimento, sendo relevante ressalta que a educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial” (DALLABONA; MENDES, 2004, p.2). Portanto, narrar uma história, não deve ser uma prática inconstante, narrar.

Sobre isso, Sousa (2018, p.123) afirma que: “é um ato que perpassa o coração de quem se deixa tocar a alma através dos sentidos, para então encontrar no olhar do outro o cenário que dá vida à história. Suscitado pela memória e ligado pela respiração, o narrar não concebe a divisão entre corpo e voz”. Portanto, contar uma história é mais que ler o livro, esperando que as crianças escutem atentamente e se apaixone pela história. Contar ou narrar uma história perpassa pelo um processo formativo, e este deve ser garantido também pela universidade.

4.2 A organização da contação de histórias pelos professores

No que se refere à estrutura e organização da contação de história, foi perguntado aos professores se na sua prática eles utilizam esta atividade e como a planejam. Todos eles responderam que usam a contação de histórias em sua prática docente, cada um à sua maneira e em consonância com a turma. Assim eles declararam:

Sim, não tem como olhar a educação infantil e distanciar a contação de história. Sempre planejo essa atividade como um momento livre e confortável, nem sempre eles se encantam com a narrativa, o que é compreensível. Mas sempre procuro chamar a atenção deles, mudar o tom de voz, criar um personagem na hora, pra ver se consigo dominar o momento. (*Professor R*).

Os professores deixam claro que seu planejamento com a atividade está diretamente ligado aos projetos pedagógicos ou temas geradores que a escola realiza durante os meses do ano. Eles descreveram o passo a passo de como realizam a contação de história em suas turmas, inclusive realizando predição e se utilizando de material lúdico. De igual forma, explicam como realizam sua contação de história, destacando a importância de prender a atenção para o momento. Portanto, é como afirma Sousa (2018), dizendo que, para preparar uma boa prática de contação de história e dominar o interesse do público, é preciso a realização de cinco passos: 1. Escolha do texto e desejo de contá-lo; 2. Análise da obra e conhecimento do autor; 3. Estudo e memorização da obra; 4. Seleção de gestos, vozes, entonação e pausas; 5. Ensaiar.

4.2.1 Contar história: uma rotina de datas comemorativas

Seja como for realizada, a contação de história é concebida como uma atividade geradora de encantamento e realidade, criatividade e imaginação. Como foi declarada por um dos professores, a contação de história é promovida tendo como fundamento a proposta de projetos pedagógicos realizados na escola, ou pela data comemorativa do período. Por exemplo, se em abril se comemora o dia do Nacional do Livro Infantil, realiza-se contação de histórias de Monteiro Lobato; se em agosto se comemora o Folclore Brasileiro, a leitura está voltada às lendas.

Isso depende no meu caso, a gente tem uns temas geradores mensais. Em fevereiro você tem um tema geral, vamos colocar aqui carnaval. Lá na escola a gente tá fazendo assim, cria um tema que dura dois meses. Agora agosto/setembro foi a criança no social, então a gente ver coisas do nordeste, questões da cultura do cearense. As histórias foram baseadas nesse período. É lógico que essas questões não são engessadas. Eu por exemplo fiz leitura de cordel. Meu planejamento é feito geralmente assim, baseado no calendário que a escola cria. No mês de abril que tem o dia do livro, geralmente eu escolho histórias do Monteiro Lobato, ou contação ou leitura. Histórias do Saci, da Narizinho. (*Professor C*)

Portanto, pelo menos no CEI Iracema, o professor declarou que suas contações são direcionadas de acordo com algumas datas comemorativas. Isso pode bloquear o processo criativo e o desenvolvimento da atividade pelos mesmos. Vale destacar que os demais não citaram necessariamente este vínculo entre a prática de contar história e esses momentos festivos e culturais.

4.2.2 Uso de recursos pedagógicos de contação

Realizar a contação de história não é uma tarefa fácil, como já foi exposto. Não basta apenas o livro, a voz, a leitura e os ouvintes. Ela, para encantar e envolver as crianças na situação imaginária necessita, além de uma escolha boa e antecipada, de uma série de recursos, como: o livro, materiais que têm contato direto com a história, fantasias, um ambiente aconchegante (luminosidade, calmo, silencioso e ventilado) e preparado para a realização da atividade. Além disso, como já citado, é preciso que o professor se prepare com antecedência (escolher a história de última hora, é um perigo para o descompasso da atividade), loque um ambiente propício, realize uma introdução dinâmica antes do início da contação, e acima de tudo, faça a leitura com entonação, ritmo e automaticidade. Diante dos dados colhidos, percebeu-se que dois dos três professores têm mais facilidade com o manejo com a atividade, um, ainda reconhece que precisa de apoio de colegas.

Veja-se abaixo o depoimento dos professores:

Eu, às vezes faço máscaras para eles usarem se forem histórias de animais, por exemplo, eu posso entregar as máscaras. Mas o meu maior recurso mesmo, é a voz e os gestos. Às vezes eu faço os círculos com eles, a gente tem um tapetinho e eles ficam lá. É muito difícil eu usar alguma alegoria, chapéu, ou negócio pra chamar a atenção. Que é algo inclusive, que eu noto que isso facilitaria chamar a atenção. Mas quanto esse jeito dinâmico de falar, acaba envolvendo, de uma forma ou de outra. Porque de vez em quando eu consigo chamar a atenção de um ou de outro. Mudança da voz, para interpretar o personagem. Mas eu já trouxe fantoches, marionetes ou dedoches. E é isso, utilizo esses recursos. Infelizmente a gente não tem muito

recurso na escola pública, isso são coisas compradas com o meu dinheiro mesmo (*Professor C*)

[...] dependendo do dia uso alguns recursos, como: fantoche, fantasia... (*Professor A*)

Geralmente utilizo um tapete, almofadas e o livro. Mostro as imagens e faço a leitura com eles (*Professor R*).

Há uma clara intenção dos professores de promover boas práticas de contação de história, mas se percebe de modo geral que os recursos mais utilizados por eles são: o livro, o ambiente (almofada, tapetes) e a voz. Ao se referirem a outros tipos de materiais para colaborar e favorecer o encantamento pela história, os mesmos declaram ser “muito difícil”, “depende do dia”, etc. Além disso, um deles aponta que a escola pública carece de recursos, e por vezes, os materiais são adquiridos com seus próprios salários.

4.2.3 A leitura de histórias: momento livre de fruição

Quando a contação de história propicia na criança o desejo de querer saber mais, de ler mais histórias, de querer se encantar mais e mais, aponta-se que ela é uma futura leitora, que a proposta da contação como formação de leitores deu certo. É da contação para atitude de sozinha buscar outros livros, falar com a professora da biblioteca (ficar no intervalo lendo), pegar livro emprestado ou até mesmo se desconectar do mundo da sala de aula, em um dado momento e ler por ela mesma. Além disso, em seu tempo livre, depois das atividades de escrita, de realizar tarefas, ela pede para ler um livro, esta criança de fato se encantou pela leitura literária. Sabe por quê? “Durante a formação do sujeito, são construídas, gradativamente, três relações conscientes e inconscientes com a leitura, [...] a necessidade de comunicação, a busca por conhecimento e o prazer/fruição” (SOUSA, 2018, p.116).

Sobre o planejamento, primeiro coloco todos em círculo no cantinho da leitura ou sentadinhos, mostro a capa, faço inferências. E só depois de cantar cantiga de abertura, apresento os elementos da capa, imagens, autor, ilustrador, título, e daí início a contação. Sempre com entonação adequada, dependendo do dia uso alguns recursos, como: fantoche, fantasia... (*Professor A*).

O professor está comprometido não somente com a narrativa propriamente dita, contar a história por contar. Quando ele descreve os passos que segue pra contar a história ele lança mão de estratégias que vão ao encontro à construção do conhecimento cognitivo das

crianças, pois a leitura não fica limitada a simples decodificação dos códigos e das linguagens. Ele transfere a leitura para a interação do ouvinte com o a história, e assim, faz com que as crianças atribuam sentido ao que está sendo contado, através de diversas dimensões humanas. Sobre isso, Martins afirma que,

[...] a leitura é um ato abrangente que articula as várias dimensões do ser humano: imaginativa, sensorial, afetiva, intuitiva, inteligível, cultural, lógica etc. Essas dimensões articuladas com o desenvolvimento cognitivo do pensamento, a partir do ato de ler, faz descortinar um novo horizonte na vida do indivíduo que, através do texto, se transforma em leitor (a) e amplia sua compreensão de mundo. Assim, a leitura promove também o desenvolvimento intelectual, podendo ressignificar a vida pessoal do sujeito, possibilitando a abertura de novos caminhos e perspectivas, resultado das dimensões proporcionadas pelo verdadeiro papel da leitura e dos profissionais nela inseridos (MARTINS, 2018, p.42).

Portanto, quando a leitura passa a fazer parte do mundo da criança como algo encantador, ela está lendo por prazer, por fruição, porque ela sentiu a necessidade de ler por sentir feliz lendo, por gostar, e não por obrigação.

4.3 As dificuldades enfrentadas pelos professores na contação de histórias

Querendo ou não, a prática de contação de história tem certamente como fim único desde a tenra idade – formar leitores. Assim, “formar leitores críticos que compreendam o papel da leitura no dia a dia representa um desafio para educadores, bibliotecários, agentes de leitura, pais, mães [...] que chamam para si essa importante ação [...]” (CAVALCANTE, 2018, p.3). Para esta atividade de contação de história, os professores precisam inicialmente passar por um processo de formação, e continuamente estarem sendo motivados ou buscar novas formas de aprender a direcionar esta ação.

Mas, sabemos que, como quaisquer outras práticas pedagógicas, contar história apresenta para muitos algumas dificuldades. Foi, neste contexto, que os professores-sujeitos abordam abaixo as suas principais dificuldades. Nota-se com clareza que as dificuldades são, entre outras, a falta de formação em contação de história; falta de material; chamar a atenção das crianças e controlar a dispersão (às vezes); lidar com as diferenças dos alunos no momento da contação e a falta de prática para realizar uma boa prática de contação de história. Conclui-se, desse ponto, que os professores necessitam urgentemente passar por um processo formativo e conseqüentemente se sentirem motivados para realizar a atividade de contar histórias, principal buscar outros espaços formativos (autofomação).

4.3.1 A falta de técnica na contação de histórias

O papel do professor na sala de aula consiste em se apropriar do que aprendeu na academia para promover aprendizagens em sala de aula. No caso de professores que trabalham com a contação de histórias, na perspectiva de formar leitores, é necessário planejamento, organização, técnicas de contação e materiais essenciais para realizar a leitura, como mediadora do processo de aprendizagem. Mas, para isso, é preciso antes de tudo que, o professor seja um leitor que goste de ler, que goste de comunicar-se, compartilhar suas leituras, entender que sua função é de mediador entre o texto e o leitor. Por fim, é preciso compreender as diversas fases pelas quais um leitor vai construindo suas experiências leitora, assinala Cavalcante (2018).

Sinto principalmente falta de uma formação em contação de história, porque existem técnicas, pelo que eu vejo de contadores de histórias, existem técnicas para fazer com que as pessoas se envolvam e se apaixonem pela história. Então, o que eu sinto falta hoje é isso, e talvez a questão da falta do material, uma seleção de livros mais elaborados. E às vezes nem conseguimos escolher direito o livro. Porque pelo que vejo, tem que ser um livro que eu gosto, porque se eu for contar a história eu preciso sentir a história e me encantar com ela primeiro [...] (*Professor C*).

Como disse o professor, dentre as suas dificuldades estava a falta de formação (técnicas de contação de história). Seria necessário que a formação continuada dos mesmos fosse bem rica e diversa em procedimentos, técnicas e uso de ferramentas que dessem sustentabilidade a sua prática de mediador de leitura, ou seja, de contador de histórias. Assim, “a mediação de leitura é a ação de promover o encontro entre o leitor e o livro para que, a partir desse encontro, haja a escuta do leitor e a conversa entre os livros, os leitores e o mediador com o propósito de que cada um dos participantes e todos juntos construam os mais diversos sentidos para o texto” (ARAGÃO, 2018, p.151).

4.3.2 Atrair a atenção das crianças na contação

Um das principais queixas dos professores foi conseguir atrair a atenção dos alunos no momento da contação da história, por diversos motivos, por eles citados: a história não os atraiu, o professor não está bem preparado para ser contador de histórias, certamente a rotina da sala de aula sem mudança de estratégias, e a diversidade de alunos na mesma sala, inclusive alunos com necessidades especiais.

A maior dificuldade é chamar a atenção das crianças, porque tem algumas que se dispersam facilmente, como nenhuma turma é homogênea, então temos vários casos, autista, indisciplina, hiperativo. Ex. No meio da contação, alguém quer falar algo que não tem nada a ver com a história, alguém levanta e vai atrás de um brinquedo, outro segue, por aí... (*Professor A*).

Por todos esses motivos e, como já foi supracitado, a leitura não poderá ser realizada de qualquer maneira, deve haver um planejamento (escolha do livro e do ambiente, preparação-ensaio, conhecer a história e se apaixonar por ela, utilização de materiais que encantem os alunos etc.) para que o êxito da atividade aconteça. Para isso, a leitura precisa ser realizada sem obrigatoriedade, sem imposição.

A leitura é uma atividade interativa de caráter eminentemente social, tendo em vista que necessita fazer uso de diferentes conhecimentos e sentidos para ser concretizada. Por isso, a leitura não deve ser imposta, nem tampouco escolarizada, pois a criança deve ver nela uma oportunidade de conhecer o outro lado da janela, de viver experiências novas, de envolver-se com o desconhecido. A imposição, a obrigatoriedade de determinada leitura, sabemos, além de minar o seu trabalho, pode causar uma reação contrária à desejada, criando um não leitor (SOUSA, 2018, 117).

Nesse sentido, atrair os alunos para a contação de história é sem dúvida um grande desafio, tendo em vistas inúmeros outros atrativos que estão ao dispor das crianças, principalmente neste tempo digital. Então, o que deve atrair os alunos? Quais são estes desafios que deve ser enfrentado pelo contador de histórias:

- As competências do (a) mediador (a)
- As condições nas quais as práticas se desenvolvem
- Os objetivos da mediação
- As ambiências
- A periodicidade das práticas
- A acessibilidade da leitura
- A existência de acervos atrativos que gerem o interesse do público (CAVALCANTE, 2018, p.10).

Portanto, trata-se do professor criar situações de contação de histórias fundamentado nestes princípios, para que a prática transcorra de maneira harmônica, dinâmica e contínua. Vale ressaltar que tais aspectos podem não garantir essa harmonização, pois o contexto por vezes contraria o planejado. É extremamente necessário para uma boa contação de história, como assinalou a autora, a competência de mediar a narrativa, boas condições para desenvolver a prática, objetividade, a ambientação, a frequência da atividade, ser acessível a todos a leitura e a existência de acervos atrativos. Dessa forma, o professor sem dúvida terá êxito em sua tarefa de encantar as crianças pelos contos.

4.3.3 Sentir-se confortável ao contar histórias

Por que um dos professores diz não se sentir confortável ao contar histórias? Dentre as respostas temos: a má formação, a falta de técnicas, ou o gosto pela própria leitura. Isto é, por vezes realiza a atividade por obrigação para cumprir seu planejamento o qual se estabelece por inúmeras atividades leituras: contação de histórias, rodas de leitura e de conversa, entre outras. Portanto, para este professor se sentir bem no momento da atividade é necessário um aspecto – gostar de ler e, se encantar pelo que leu, para na sequência envolver os alunos.

Minha maior dificuldade é não conseguir fazer uma contação de história mais elaborada, com adereços e outros utensílios propícios para esse momento. Eu travo, não me sinto confortável, não consigo passar da leitura. Gostaria muito de quebrar essas barreiras. Penso em buscar um curso, algo fora das formações que temos, pra ver se consigo desatar esses nós (*Professor R*).

Mas, para ele sentir-se mais confortável com a atividade, é necessário seguir alguns passos, citados por Cavalcante (2018):

- a) Planejar a prática de leitura com antecedência, de modo bem detalhado: textos a serem lidos, ambiências, atividades etc.;
- b) Escolher textos adequados à situação e ao nível de compreensão dos leitores;
- c) Ler previamente os textos a serem trabalhados;
- d) Organizar a ambiência onde se dará o encontro (biblioteca, sala de aula, residência, sala de estar, varanda, quintal, praça etc);
- e) Expor livros e outros materiais de leitura de modo que possam gerar atração e curiosidade;
- f) Estimular o grupo para gerar interação com as obras e a temática apresentada;
- g) Conversar informalmente com os participantes sobre livros, leitura e assuntos diversos;
- h) Elaborar atividades dinâmicas e criativas;
- i) Utilizar o próprio livro para a leitura, de modo a gerar familiaridade;
- j) Relacionar a leitura a outras possibilidades: música, teatro, dança etc.
- l) Ler em voz alta e com boa entonação para que todos compreendam o que está sendo lido;
- m) Dar autonomia aos leitores para partilharem suas histórias, leituras e narrativas, bem como exporem posicionamentos (CAVALCANE, 2018, 11).

Para finalizar esta análise, procurou-se saber dos professores: Qual a sua opinião sobre a atividade de contação de histórias para as crianças? Como você percebe o papel dessa atividade no processo de aprendizagem das crianças? Obteve as seguintes respostas:

Acho extremamente importante, é através da contação de história que a criança começa a criar noção de mundo e de tudo existente nele. É possível a através da contação de história despertar emoções e trazer aprendizagens significativas.

Percebo que é um processo bem construtivo, as crianças percebem e diferenciam personagens. Uns, eles gostam mais e, outros menos. Gera encantamento pelas histórias e começa a despertar o interesse pela leitura, porque mesmo sem decodificar as letras, eles fazem leitura da imagem. Às vezes coloco os livros disponíveis e peço que contem a história conforme o que veem nas imagens. E é encantador a compreensão que eles têm (*Professor R*)

Sobre a contação de história é indispensável, está na rotina das crianças, tem que acontecer todos os dias, e é importante que aconteça de diversas formas, só leitura, depois fazemos leitura de imagens, dramatizamos. Para que ocorra a compreensão, oralidade,

E a criança entenda que para ter história é preciso de um conjunto de signos, as letras. Nesse momento a criança também incorpora novas palavras ao vocabulário, diferencia os tipos de linguagem. Ah ia esquecendo... a criança também aprende características estruturais e organizacionais dos textos apresentados (*Professor A*)

[...] Pra mim é bem essencial, porque trabalham imaginário da criança, de criar situações. É importante pra criança na medida em que ela precisa de situação que ela entre em conflito, que ela viva uma fantasia do medo, que ela viva as questões morais, sociais, de respeito, que ela compreenda essas questões sociais, a partir de uma forma que seja interessante pra ela. E a história tem essa capacidade de você pensar, de viver essas situações através de uma história. E ela é importante por conta disso, pq ela te dar espaço pra viver aquele momento.

Quando você questiona a criança, por exemplo: que letra é essa? Que personagem é esse? Eu me visto às vezes de Visconde, e pergunto que personagem é esse? O que ele é? O milho. Onde você viu isso? No livro que o professor mostrou. É a partir dessa contação que eles me mostram, que aprendeu, que adquirindo esse conhecimento do mundo, e esse conhecimento da literatura (*Professor C*)

Neste ponto os professores tiveram declarações bem comuns entre eles, especialmente quando utilizaram as palavras – importante, indispensável e essencial – quando se trata da atividade de contação de histórias na educação infantil e sua influência no processo de desenvolvimento das crianças e da sua própria aprendizagem.

Sobre a delimitação do tema da pesquisa – ser professor do sexo masculino na educação infantil da pré-escola – aponta-se a seguir alguns aspectos e implicações que este fator tem no contexto geral da profissão de ser professor. Segundo o *Professor C*, inicialmente foi bem difícil atuar na Educação Infantil, pois na lotação se viu poucos homens, além disso, segundo sua impressão, se fez de tudo para ele desistir da pré-escola e fosse lotado apenas no fundamental; Já na escola, ele declarou que, apesar da acolhida ter sido calorosa, o preconceito chegou primeiro, foi proibido de usar o banheiro comum às professoras mulheres, e teve que ficar usando o banheiro das crianças; foi constrangedor, e percebendo que poderia ocasionar problemas, se manifestou poucos meses depois e foi atendido; Com relação aos pais, o professor sentiu-se acolhido, tanto pelo trabalho que desenvolveu com as crianças, bem como pelo seu carisma, afirmando ser essencial para um bom ambiente de trabalho.

Por fim, apresenta-se um depoimento sobre ser professor do sexo masculino na educação infantil.

Mas as pessoas confundem, porque no fim, você percebe que não é um preconceito com homem não, é um preconceito contra mulher. Mas homem não sabe limpar, porque quem sabe limpar é mulher, porque é mais preparada, porque tem a alma materna. Então, a gente sabe que tudo isso é um mito criado sobre as mulheres. Porque as mulheres são criadas nessas perspectivas. Então é um preconceito contra a mulher, com o homem um pouco, porém é mais sobre isso. E eu sou bem revoltado com isso, porque não questionam um pediatra? Um ginecologista? Mas o professor eu questiono? Quando é um homem na educação infantil eu questiono? Existem muitos preconceitos ainda com esse profissional, que teve que enfrentar muitas problemáticas pra chegar onde está, então o mínimo que se deve ter é respeito (*Professor C*).

Portanto, trata-se de um preconceito velado construído sociohistoricamente sobre a figura masculina, como o homem não fosse capaz de ensinar crianças. E o que dizer dos pais (homens)? Eles são os primeiros educadores no seio familiar. Dessa forma, pressupõe-se que, esta preconcepção de que homem não serve para cuidar das crianças e ensinar, é um construto discriminatório, porém real. E dentro das próprias universidades, quando se observa nas salas de Pedagogia poucos rapazes fazendo o curso, dada ao preconceito de que a formação é tipicamente feminina. Assim, a prática docente, especialmente na educação infantil não tem gênero definido, tem profissionais comprometidos, capazes de desenvolver atividades lúdicas, envolventes e habilidades inerentes a aprendizado das crianças. Esta abordagem será mais explicitada a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir serão apresentadas as considerações finais da pesquisa, trazendo a luz da pesquisa bibliográfica e das entrevistas, os principais aspectos abordados sobre as características da atividade de contação de histórias por três professores do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza - CE. Retomar-se-á os pontos essenciais do trabalho, por exemplo, o objetivo, a questão de pesquisa, a fundamentação teórica e a metodologia. Na sequência, serão apresentadas as implicações da pesquisa para o sistema educacional de educação infantil com a presença de homens no seu quadro de professores. Por fim, será feito o encaminhamento de possíveis pesquisas a partir dos resultados desta, bem como sugestões.

Pontos essenciais do trabalho

Neste trabalho monográfico, o propósito da pesquisa foi: Investigar as características da atividade de contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza – CE. Para isso, utilizaram-se as ideias de autores como: Abramovich (1997), Aragão (2018), Bettelheim (2009), Bomtempo (2003), Brasil (1996-1988), Busatto (2006), Cavalcante (2018), Coelho (1999), Dallabona e Mendes (2004), Durkheim (2001), Freire (1988), Machado (2004), Maricato (2006), Puliezi e Maluf (2014), Sousa (2018), Villardi (1997), para fundamentação teórica da temática abordada. Para fundamentar as opções metodológicas, utilizaram-se as ideias de: Cartoni (2009), Fonseca (2002), Macêdo (2010), Matias-pereira (2012), Minayo (2017).

Como opção metodológica, a investigação foi realizada através de uma Pesquisa Descritiva (quanto ao seu objetivo) e interpretativa, dentro de uma abordagem qualitativa para a análise dos dados. Desta forma, após a análise dos dados, podem-se tecer algumas considerações:

- **A Formação Inicial dos Professores no Curso de Pedagogia e a Contação de história**

A contação de história tem uma lacuna, quando se fala em uma construção de uma grade curricular para formar pedagogos (a), que até então, deveriam sair com o mínimo

necessário para atuar nas salas de aulas, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, ou onde a profissão tem espaço. Porém, nesse caso, a contação de história que é uma atividade intrínseca da educação infantil, campo de atuação do próprio pedagogo (a), não tem seu espaço necessário, vem se desenrolando de maneira vaga, sem muita importância. É com essa atividade que a criança reconhece e toma noção de mundo. É participando dessas experiências que a criança começa a entrar no mundo dos símbolos e formas, e é a maneira mais eficaz dela aprender. Portanto, os professores concluem o curso com pouca ou nenhuma preparação para atuarem com esta atividade com as crianças da educação infantil.

- **A organização da contação de histórias pelos professores**

Percebe-se a real necessidade da prática de contar história, e o compromisso dos professores ao utilizar os planejamentos para a elaboração das mesmas. É compreensível que a depender da forma como a atividade é desenvolvida, dos recursos utilizados ou da magia que envolve a fala, o interesse da criança se perca pela narrativa. Os professores estão conseguindo manter a atividade dentro do plano de aula, conseguindo desenvolver e praticar as atividades, mesmo sem bagagem que os fortaleça na prática, isso já demonstra a capacidade e o compromisso que esses profissionais têm na educação infantil.

Embora os professores considerem a contação de história importante para o desenvolvimento infantil, especialmente para estimular o hábito da leitura, entrar em contato com o imaginário, com a criatividade etc; a estruturação de algumas contações de história fica vinculada às datas comemorativas da escola e seus projetos pedagógicos. Sobre sua organização são planejadas, previsto sua ambientação, introdução e conclusão das atividades pelos professores.

No que tange a utilização de recursos, os professores, em sua maioria, conta apenas com o básico: livro, tapete, almofadas e a voz; em alguns momentos específicos os mesmos usam fantoches, máscaras, dedoches, fantasias, etc. Ainda sobre a sua realização, foi importante perceber que há crianças, que por vontade própria pegavam livros e se recolhiam no cantinho da leitura para se deleitar a leitura de fruição.

- **As dificuldades enfrentadas pelos professores na contação de histórias**

Sobre este aspecto foi deixado claro as seguintes dificuldades: falta de formação em contação de história (falta de técnicas para contação de histórias); falta de material; chamar a

atenção das crianças e controlar a dispersão (às vezes); lidar com as diferenças dos alunos no momento da contação; e a falta de prática para realizar uma boa prática de contação de história, chegando a ponto de o profissional admitir que não se sentia confortável com a realização da atividade. Ou seja, a maior dificuldade começa na formação e se desenrola na sua prática em sala de atividades.

Trabalhar o lúdico, o imaginário da criança, prender a atenção dela, saber iniciar, desenrolar e finalizar uma história requer técnica. Algumas pessoas conseguem se desenvolver sozinhas, talvez pelo fato de crescer ouvindo dos familiares as histórias de criança. Outros sequer ouviram uma história narrada. Logo, essa prática de contar, narrar e transcender uma história precisa estar ligada às práticas acadêmicas. Precisa ser vivenciado dentro dos espaços acadêmicos. Do contrário, vai sair cada vez mais professores sem a noção de como se aproveitar desse conteúdo.

- **Ser professor do sexo masculino em turmas de educação infantil:**

Este fato gerou desconforto para alguns, pois durante a lotação se sentiram discriminados, tanto pela Secretaria de Educação de Fortaleza, quanto pela escola, mas logo o preconceito foi vencido e os mesmos atuaram sem nenhum incidente. Assim, em relação ao primeiro objetivo específico, concluímos que a formação inicial (curso de Pedagogia) não prepara o professor para realizar a atividade de contação de história em sala de aula, pois segundo depoimento dos professores, o tema é discutido em uma disciplina optativa, o assunto é tratado esporadicamente entre uma disciplina ou outra, e o curso oferecem vivências pontuais, com professores pontuais. Ou seja, a insegurança de um dos professores (afirmado veemente) se dar pelo fato de falta de apropriação teórico-prática na academia.

Ainda sobre esse aspecto, podemos considerar como um achado importante o fato de que os professores apontam, mesmo com falta de formação e insegurança, que a contação de história é realizada porque eles acreditam no seu potencial formador. Isso é relevante na medida em que as crianças estão em processo de formação, de desenvolvimento. Portanto, a contação de história não poderá de existir como prática docente, ela é responsável pela formação de futuros leitores.

É importante ressaltar que, embora a investigação tenha buscado caracterizar a contação de história por professores do sexo masculino na Educação Infantil, o aspecto do gênero e sua relação com a contação de história não foi abordado de forma contundente. Ou seja, registra-se aqui uma lacuna teórica a respeito da abordagem que a pesquisa se propôs,

mesmo que alguns aspectos sobre a prática da atividade com professores homens ficaram explícitos, como: a formação inicial em Pedagogia com este fim, a organização e sua estrutura, e as dificuldades enfrentadas pelos docentes diante da prática, que são inerentes a aos demais professores, não só pelo fato de serem homens.

Falando agora sobre segundo objetivo específico, podemos considerar que a organização da contação de histórias, são previstas na rotina da pré-escola, são planejadas, ambientalizadas, porém precisam de mais apropriação técnica e de material, pois os professores apontam a necessidade de mais material para realização da atividade, uma vez que, se utilizam apenas de livros, tapete, almofada e a voz.

Por fim, sobre o nosso terceiro objetivo específico, concluímos que as dificuldades são a falta de formação inicial, técnicas de contação, de material, ter atenção dos alunos, controlar a dispersão e lidar com as diferenças, pois há alunos com necessidades especiais inclusos, o professor não sabe lidar com determinadas situações, ou até mesmo, incluir estes alunos. Nesse sentido, mas uma vez urge que os professores sejam preparados para mediatizar a atividade de contação de forma exitosa e para todos.

Implicações da pesquisa

Com base no exposto, considera-se, de um modo geral, que a atividade de contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza – CE é realizada como parte de uma rotina do próprio sistema educacional da educação infantil, mas em alguns casos e situações necessitam de mais segurança, formação e material. Assim sendo, vale ressaltar que, mesmo que considerem a contação de história fundamental para o desenvolvimento infantil, se ela não for bem organizada, estruturada e executada, a atividade torna-se capenga. Portanto, os professores necessitam urgente de formação e apoio técnico-pedagógico.

Isto posto, os resultados que esse trabalho nos permitiu encontrar podem ser úteis à área da Educação porque reacende a questão da universidade rever o currículo do Curso de Pedagogia, pois existe a necessidade de se ter uma disciplina que aborde somente essa temática, com abordagens teóricas próprias. Em outros termos, isso quer dizer que, com a oferta da disciplina pode-se desenvolver pesquisas que fomentem essa atuação e compartilhe uma análise pedagógica do quão importante essa atividade é para a aprendizagem da criança.

Outra implicação relevante de nosso trabalho reside no fato de que, a SME de Fortaleza-CE precisa repensar sua formação de professores, especialmente para esta área da

contação de história; reveja suas políticas públicas de fomento e formação de leitores. Quanto à gestão da escola, reavalia sua posição quanto a dar apoio aos professores nesses momentos, especialmente fortalecendo cada vez mais a colaboração nos planejamentos e oportunizando aos professores momentos de estudos, pesquisas, formação e avaliação de sua prática. Esses profissionais precisam de ajuda, de formação e de um olhar mais direcionado para esse campo da educação tão essencial para a formação e o desenvolvimento da criança que é o contar história.

Sugestões de continuidade da pesquisa

Como primeira sugestão de continuidade, pensamos que seria muito interessante uma investigação sobre a formação do professor-leitor na perspectiva de mediador de leitura, pois, mesmo fazendo parte da rotina da sala de aula, as contações de histórias por vezes são cumpridas por eles como obrigação. Nesse sentido, é provocador pensar como os professores reivindicam tanto por uma formação de contação de histórias, se os mesmos não são leitores.

Sugere-se ainda que, a pesquisa pode ser aprofundada no aspecto do ser professor homem na Educação Infantil, como mais propriedade, buscando referências que pontuem: as relações entre a condição do gênero masculino e o ser professor de crianças de creches e pré-escola; as conexões entre ser professor, ser homem e a prática lúdica de contar histórias; as implicações de ser do sexo masculino na formação inicial e continuada na Educação Infantil; enfim, as perspectivas do cuidar, do educar e do brincar nesta etapa de ensino e a figura masculina como protagonista.

Uma segunda sugestão de continuidade da pesquisa é sobre a formação de leitores e sua relação com a família, já que a criança é um ser em desenvolvimento e não pode se conceber ser a escola a única agente de formação de leitores. Portanto, a contação é atraente o bastante para mobilizar o pensamento da criança ainda em formação. É preciso cuidar da criança, levar a sério as práticas pedagógicas que favorecem seu crescimento cognitivo, afetivo e psicossocial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997

ARAGÃO, C.O. Espaços e ambiências para mediação de leitura; p.146-159. In: **Curso Formação de Mediadores de Leitura**. Raymundo Netto e Lidia Eugênia Cavalcante Lima (org.); Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com Sucesso**. 2ª ed., Contagem: Oficina Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. V.1— Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSATTO, C. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006

CARTONI, Daniela Maria. **Ciência e Conhecimento Científico**. In: Anuário da Produção Acadêmica Docente. vol. III, nº 5, 34 p., ano 2009. Publicado em 21/04/2010. São Paulo: Anhanguera Educacional, 2009. Disponível em: <sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/view/1586> Acessado em: 31 out.2019.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

DALLABONA, S.R.; MENDES, S.M.S. **O lúdico na educação infantil**: jogar, brincar, uma forma de educar. In: Revista de divulgação técnico-científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação-ICPG. Vol.1. n.4- jan-mar /2004; p-107-112. Santa Catarina-RS, 2004. Disponível em: <<https://conteudopedagogico.files.wordpress.com/2011/02/o-ldico-na-educao-infantil.pdf>> Acesso em: 28 out. 2019.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostilha do Curso de Especialização em comunidades virtuais de aprendizagem-Formática educativa. Universidade Estadual do Ceará-UECE. Fortaleza: UECE, 2002. Disponível em: <<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/716/1/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf>> Acesso em: 31 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4)

IPIRANGA, S.D. Formação de Professores leitores e mediadores de leitura; p.17-32. In: **Curso Formação de Mediadores de Leitura**. Raymundo Netto e Lidia Eugênia Cavalcante Lima (org.); Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

LIMA, L.E.C. Mediação de leitura e formação do leitor; p.1-16. In: **Curso Formação de Mediadores de Leitura**. Raymundo Netto e Lidia Eugênia Cavalcante Lima (org.); Fortaleza-CE : Fundação Demócrito Rocha, 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**; 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010 (série pesquisa v.15).

MACHADO, Regina. **Acordais.Fundamentos Teóricos-poéticos da Arte de Contar História** São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004. Disponível em: < <https://pnaicsantoandre.files.wordpress.com/2015/10/regina-machado-capc3adtulo-iii-do-livro-acordais.pdf> > Acesso em 28 out. 2019.

MARTINS, L. A leitura literária; p.33-48. In: **Curso Formação de Mediadores de Leitura**. Raymundo Netto e Lidia Eugênia Cavalcante Lima (org.); Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PULIEZI, S; MALUF, M.R. **A fluência e sua importância para a compreensão da leitura**. In: Psico-USF, v.19, n.3; p.467-475, set/dez. 2014, Bragança Paulista. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Disponível em: < www.scielo.br <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712014019003009>> Acesso em: 28 out.2019.

SOUSA, L.F. Práticas leitoras e contação de histórias; p.114-128. In: **Curso Formação de Mediadores de Leitura**. Raymundo Netto e Lidia Eugênia Cavalcante Lima (org.); Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO -CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo solicitado a participar de uma pesquisa, através desta entrevista. A pesquisa tem como título - *A contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil*. Junto com este roteiro receberás um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que você autorize, caso aceite a participar, para utilizarmos dos dados da entrevista.

Erasmio Dantas da Silva Fernandes – O pesquisador.

1. Qual seu nome e qual sua idade? _____
2. Há quanto tempo atua na educação infantil? _____
3. Como chegou na educação infantil? _____

4. Atualmente como está sua formação? Está participando de alguma iniciativa de formação? _____

5. Qual a sua opinião sobre a atividade de contação de histórias para as crianças? _____

6. Como você percebe o papel dessa atividade no processo de aprendizagem das crianças? _____

7. Na sua prática docente, você trabalha com esse tipo de atividade? Se sim, como você planeja a sua contação de histórias? _____

8. Quais os materiais que você utiliza para desenvolver a contação de história? _____

9. Que dificuldades você identifica no desenvolvimento dessa atividade de contação de história? _____

10. Ao longo do seu processo de formação (antes e/ou durante a universidade), houve algo ou alguém que tenha te fornecido embasamento teórico e prático para a realização dessa prática na educação infantil? _____

APÊNDICE B: TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo solicitado a participar em um projeto de pesquisa. O pesquisador deve providenciar um documento de esclarecimento e de livre consentimento que informe a você sobre o estudo, afirmando que sua participação é voluntária e explicando os riscos e benefícios de sua participação. Nesse processo, ele deve dar a condição necessária para, de forma esclarecida, você poder tomar a decisão de participar ou não. Você deve se sentir absolutamente livre para fazer qualquer pergunta ao pesquisador e/ou esclarecer qualquer dúvida que você tenha.

Título do estudo: A contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil

Pesquisador(es): Erasmo Dantas Da Silva Fernandes

Contato: erasmodantas.22@gmail.com / (85) 98948-7322 / 99926-5961

1. OBJETIVO DA PESQUISA: Você está sendo solicitado a participar em uma pesquisa que pretende Investigar as características da atividade de contação de histórias por professores do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza – CE. Como o pesquisador sabe das muitas tarefas cotidianas que você deve cumprir para a sua formação acadêmica, sua participação não tirará de você nenhum tempo adicional que o atrapalhe em seus compromissos. Se você concordar em conceder uma entrevista, esta não tomará de você mais do que 40 minutos, prezando a sua disponibilidade de tempo.

2. O QUE VOCÊ VAI FAZER: O pesquisador está pedindo permissão para conhecer suas opiniões e percepções em relação a como se caracteriza a atividade de contação de histórias a partir do olhar de um professor do sexo masculino na educação infantil de instituições pré-escolares de Fortaleza – CE. Se você consentir, o pesquisador está solicitando que você participe de uma entrevista, com gravação de áudio, de, no máximo, 40 minutos de seu tempo livre.

3. POTENCIAIS BENEFÍCIOS: Você possivelmente não se beneficiará de modo particular ao participar deste estudo. No entanto, este projeto pode fortalecer indiretamente os debates sobre as principais dificuldades desse processo de contar histórias na educação infantil, a fim de identificar possíveis mecanismos de ajuda na prática de contar histórias, fortalecendo o uso do mesmo em sala de atividades. Futuros professores de educação infantil podem se beneficiar dos resultados da pesquisa, ao analisarmos quão importante a presente experiência tem sido para você e seus colegas, principalmente em relação a forma como se é trabalhado ultimamente essa atividade. Nenhuma compensação financeira, crédito ou nota de disciplina, nem qualquer outra forma de compensação será oferecida por sua participação neste estudo.

4. POTENCIAIS RISCOS: Como os dados obtidos para este estudo não consistem de nenhum material que você tenha produzido, não vislumbramos nenhum risco envolvido. O principal risco que você poderia enfrentar seria a revelação de dados pessoais, mas, você tem o direito de não revelar e/ou de não permitir que nenhuma informação desta natureza

seja publicada. Além disso, os riscos devem ser minimizados pelo pesquisador por meio de um pacto de privacidade e confidencialidade (ver item 5 abaixo).

5. PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE: Se você concordar em participar do estudo, o pesquisador vai explorar as experiências que você construiu a partir de sua participação na entrevista, tomando por base suas explicações e descrições sobre o trabalho com a atividade de contação de histórias. Os dados que você oferecer poderão ser incluídos em apresentações orais e conferências de congressos científicos, assim como em publicações de artigos avaliados pelos comitês editoriais de revistas científicas, tanto impressas como *online*. Se assim você concordar, todos os dados identificáveis em suas descrições serão substituídos pelo uso de pseudônimos e códigos. Toda os dados sobre você estarão guardados e mantidos em confidencialidade o máximo que é exigido por lei.

6. SEUS DIREITOS: VOCÊ PODE PARTICIPAR, DIZER “NÃO” OU DESISTIR (RETIRAR A AUTORIZAÇÃO): A sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você tem o direito de dizer NÃO. Saiba que sua recusa em participar não lhe trará nenhuma penalidade ou perda de benefícios que você, de outro modo, tenha por adquirido.

7. DÚVIDAS, PREOCUPAÇÕES OU PERGUNTAS: Se você tiver alguma dúvida, preocupação ou pergunta sobre esta pesquisa, tais como questões científicas, como participar ou como relatar prejuízos decorrentes de sua participação, por favor, contate pessoalmente o pesquisador **Erasm Dantas da Silva Fernandes**. Você pode contatá-lo tanto pelo e-mail (erasmodantas.22@gmail.com) como pelo número de telefone celular (85 98948-7322), e ainda via Departamento de Fundamentos da Educação da UFC, falando com o meu orientador prof. Dr. Messias Dieb, por meio do telefone: (85) 98111-2303. Se você tiver qualquer dúvida sobre seus direitos e participação como sujeito da pesquisa, por favor, contate o **Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos** da UFC (CEP/HUWC), pelos números (85) 3366-8589 e/ou 3366-8612, ou pelo e-mail <cephuwc@huwc.ufc.br>; ou ainda: escreva para Universidade Federal do Ceará, Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos (CEP/HUWC) - Rua Capitão Francisco Pedro, n. 1290 – Bairro Rodolfo Teófilo – Fortaleza – CE. CEP: 60.430-370.

8. ACEITE PARA PARTICIPAR OU NÃO: Sua assinatura abaixo indica que você aceita voluntariamente participar (ou não) deste estudo.

EU CONCORDO (**ACEITO**) PARTICIPAR DESTE ESTUDO:

Assinatura Nome Legível

EU NÃO CONCORDO (**NÃO ACEITO**) PARTICIPAR DESTE ESTUDO:

Assinatura Nome Legível